



**MAISE: A COCONSTRUÇÃO DE UM JOGO SOBRE VIOLÊNCIA DE GÊNERO
PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

***MAISE: CO-CONSTRUCTION OF A GAME ABOUT GENDER-BASED VIOLENCE
FOR CHILDREN AND ADOLESCENTS***

***MAISE: CO-CONSTRUCCIÓN DE UN JUEGO SOBRE VIOLENCIA DE GÉNERO
PARA NIÑOS Y ADOLESCENTES***

Larissa Medianeira Bolzan¹

Eduarda Hax Rodrigues²

Beatriz Palla Sanches³

Resumo: O tema violência de gênero é um assunto que ganha cada vez mais atenção devido ao aumento de casos pelo mundo. A violência de gênero atinge todas as classes sociais, faixas etárias, credos e raças. Assim, é notável a necessidade de conscientizar crianças e adolescentes sobre violência de gênero. Diante do exposto, esta pesquisa teve o objetivo de apresentar a cocriação de uma maneira de abordar o tema violência de gênero com crianças e adolescentes utilizando como mecanismo o jogo educativo sobre gênero semáforo do corpo. A escolha do uso de jogos se deu porque, ao se trabalhar com a educação de crianças, os jogos e brincadeiras são aliados importantes na construção do conhecimento. O primeiro contato do público com o jogo se deu em um evento de rua na cidade de Pelotas-RS. Durante o evento, o jogo chamou a atenção e foi explorado por crianças, adolescentes, pais e educadores. Também foram distribuídos QRcodes que levavam ao link para uma cartilha com orientações sobre o enfrentamento à violência de gênero. Observou-se que, em geral, as crianças tinham um bom conhecimento sobre o assunto, em especial as crianças do sexo feminino, e esse conhecimento era oriundo principalmente do meio familiar.

Palavras-chave: Violência de Gênero. Jogos Educativos. Crianças.

Abstract: *The topic of gender violence is a subject that is gaining increasing attention due to the increase in cases around the world. Gender violence affects all social classes, age groups,*

¹ Doutora em Administração, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora Adjunta da Universidade Federal de Pelotas (UFpel). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3257-7096> E-mail: larissambolzan@gmail.com

² Graduanda em Fisioterapia, pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-4555-0208> E-mail: eduardahrd@gmail.com

³ Graduanda em Odontologia, pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-7093-7992> E-mail: beatrizpallasanches@gmail.com

creeds and races. Therefore, there is a clear need to raise awareness among children and adolescents about gender violence. Given the above, this research aimed to present a way to approach the topic of gender violence with children and adolescents using the educational game about gender, "Traffic Light of the Body", as a mechanism. The choice to use games was made because, when working with children's education, games and play are important allies in the construction of knowledge. The public's first contact with the game took place at a street event in the city of Pelotas, RS. During the event, the game attracted attention and was explored by children, adolescents, parents and educators. QR codes were also distributed that led to the link to a booklet with guidelines on confronting gender violence. It was observed that, in general, children had good knowledge on the subject, especially female children, and this knowledge came mainly from the family environment.

Keywords: Gender Violence; Educational Games; Children

Resumen: El tema de la violencia de género está cobrando cada vez más importancia debido al aumento de casos en todo el mundo. La violencia de género afecta a todas las clases sociales, edades, credos y razas. Por lo tanto, existe una clara necesidad de sensibilizar a niños, niñas y adolescentes sobre la violencia de género. Por lo tanto, esta investigación tuvo como objetivo presentar una manera de abordar el tema de la violencia de género con niños, niñas y adolescentes utilizando el juego educativo sobre género "Semáforo del Cuerpo". La elección de usar juegos se debió a que, en la educación infantil, el juego y el juego son aliados importantes en la construcción de conocimiento. El primer contacto del público con el juego tuvo lugar en un evento callejero en la ciudad de Pelotas, RS. Durante el evento, el juego captó la atención y fue explorado por niños, niñas, adolescentes, padres y educadores. También se distribuyeron códigos QR que conducían a un folleto con directrices para afrontar la violencia de género. Se observó que, en general, los niños, especialmente las niñas, tenían un buen conocimiento sobre el tema, y este conocimiento provenía principalmente del entorno familiar.

Palabras clave: Violencia de Género. Juegos Educativo. Niños.

Introdução

É indiscutível que a violência de gênero é um problema social e de saúde pública. Tratam-se de situações que se alastram pelo mundo como uma epidemia (IPEA, 2025). O Atlas da Violência de 2025 (IPEA, 2025) aponta que a violência de gênero segue sem solução à medida que a sociedade reproduz dinâmicas que subjagam pessoas do gênero feminino. Corso von Eye e Junqueira (2020) ratificam que mulheres, pessoas racializadas e a população LGBTQIAPN+ percebem os reflexos de marcadores sociais que lhes colocam no lugar de "outro". No entanto, homens cis heterossexuais e brancos não percebem que coexistem em uma

estrutura social racista e patriarcal, do mesmo modo como não se percebem sujeitos radicalizados e generificados.

Sobre a reprodução da desigualdade e da violência de gênero, Almeida (2018) e Pereira Júnior, Teixeira e Rodrigues (2023) destacam os espaços formais de ensino como locais onde são perpetuadas práticas e estigmas, sendo comuns episódios de homofobia, lesbofobia ou transfobia. Assim, para as instituições formais de ensino, o enfrentamento da evasão escolar e das consequências psicossomáticas do *bullying* originado do discurso hierarquizado com base no gênero, raça/etnia, classe social, faixa etária, grau de instrução, localização geográfica ou qualquer outro critério (Louro, 2014) é um grande desafio.

Considerando o papel da educação na construção do ser humano, Louro (2014) defende uma educação não sexista, ou seja, um ensino não discriminatório, que defende uma coexistência não hierarquizada. Contemplando os trabalhos de Louro (2014) e Almeida (2018), uma educação não sexista desvela aos educandos um mundo que rompe a lógica positivista que se pauta em um viés emancipatório. Nesse sentido, Almeida (2018) concebe que a educação pode ocorrer dentro ou fora de instituições. De modo que a formação educativa realizada por meio da participação em movimentos sociais tem sido de grande importância (Almeida, 2018), mesmo que não totalmente livre de mecanismos patriarcais (Castañeda Salgado, 2008).

Os estudos de Silva e Pordeus (2021) e Guerra (2023) ratificam que as instituições de ensino têm papel fundamental na identificação e suporte aos traumas que seus educandos enfrentam. Neste sentido, é possível citar um caso de violência sexual envolvendo uma criança que teve grande repercussão recentemente. O referido crime ocorreu em março de 2025, no município de Pouso Alegre, estado de Minas Gerais, onde uma criança de 6 anos de idade foi à escola com as partes íntimas coladas para evitar os abusos do pai. A escola, atuando como ator da rede de apoio às vítimas de violência de gênero, fez os devidos encaminhamentos.

O que também justificaria abordar gênero, igualdade de gênero e violência de gênero transversalmente no ensino básico e nos movimentos sociais que envolvem crianças e adolescentes, é considerar o perfil etário de vítimas de violência de gênero. O Atlas da Violência do ano de 2025 (IPEA, 2025) destaca que 24,4% das vítimas são as crianças e adolescentes com idade até 14 anos. Sendo destaque o grupo etário de 0 a 9 anos de idade, que é o grupo mais vulnerável, representando 15,2% do total de vítimas.

Ainda sobre violência de gênero e suas implicações, vale ressaltar o que ensinam Godinho *et al.* (2018), Tassinari (2022), Montañez (2021), Silva Júnior (2023) e Dallapicula (2023), autores os quais alertam que a violência sofrida pode afetar negativamente os processos educacionais. As referidas pesquisas justificam a cocriação de um ambiente de instrução ou orientação a profissionais de educação.

Diante do exposto, esta pesquisa teve o objetivo de apresentar uma maneira de abordar o tema violência de gênero com crianças e adolescentes utilizando como mecanismo o jogo educativo sobre gênero semáforo do corpo. A escolha do uso de jogos se deu porque, ao se trabalhar com a educação de crianças, os jogos e as brincadeiras são aliados importantes na construção do conhecimento. Haja vista que os jogos educativos, conforme Silva e Pordeus (2021) fazem com que as crianças construam seus próprios conhecimentos, de maneira lúdica, além de desenvolverem habilidades sociais e motoras.

Abordando gênero na escola

Em 1980, Althusser (1985) publicou a obra “Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estados”, em que elenca instituições que atuam como espaços capazes de reproduzir a ideologia dominante. Dentre estes espaços, a escola está presente, uma vez que ensina nos “moldes que asseguram a sujeição à ideologia dominante ou o manejo da prática desta” (Althusser, 1980, p. 22).

Nessa perspectiva, Carvalho e Ribeiro (2020), ratificam que a escola, como espaço de socialização secundário, é onde os sujeitos se deparam com a sociedade e suas demandas. Tais demandas, por vezes, podem ser impostas violentamente, sendo que uma de suas expressões mais conhecidas no ambiente formal de ensino é o *bullying*.

Neste sentido, Sanada, Nascimento e Martin (2024) exploram a concepção de escola como instituição disciplinadora de corpos, onde há a predominância da heterocisnormatividade no currículo escolar e a utilização de metodologias que assujeitam os corpos a serem objetos e instrumentos do exercício de poder. Os autores afirmam que a instituição escolar imprime nos corpos dos educandos moldes diferentes para meninos e meninas, o que pode reverberar em desigualdades, preconceitos e discriminação de gênero. E, também, destacam que, ao abordar

o tema gênero na escola, os agentes institucionais da educação limitam-se a cisgeneridade/binariedade (homem-mulher), o que garante o controle social.

Quanto aos fatores que contribuem para manutenção do binarismo e da heterocisnormatividade no currículo escolar, Sanada, Nascimento e Martin (2024) citam que os professores não têm respaldo em seu trabalho pedagógico para abordar questões de gênero e sexualidade nos documentos oficiais da educação.

Nesse sentido, Cantarin e Andreato (2023) evidenciam a presença de conteúdos de cunho biologista e heterocisnormativa nos materiais didáticos (por exemplo, imagens de mulheres na cozinha e homens lendo jornal na sala de jantar); omissão da escola sobre a necessidade de conscientização a respeito da violência de gênero; resistência da instituição escolar e dos profissionais que a constituem de reconhecer a problemática. E, também, Kauffman e Luz (2020) citam a limitada formação continuada na escola acerca do tema gênero, corpo e sexualidade. Cantarin e Andreato (2023) consideram, ainda, que a escola deve rejeitar em seus currículos o conhecimento científico que discrimina a mulher. Caso contrário, a cumplicidade ideológica na ciência e a na educação permanecerá presente na sociedade.

Violências de gênero

A importância de discutir violência de gênero na educação compreende o combate aos altos índices de violência, que reflete a cultura permeada pelo patriarcado sexista. Para Almeida (2018), comportamentos violentos entre os gêneros não são biológicos, se originam da construção social acerca do masculino e feminino.

Quanto à educação, Saffioti (1987) analisa a educação feminina na qual se impõe a inibição da agressividade, uma vez que se espera de uma pessoa do gênero feminino docilidade, cordialidade e passividade, já quanto à educação masculina, observam-se elementos de agressividade e competitividade. Ao explorar a educação formal/institucionalizada, Oliveira (2016) avalia que tanto as práticas escolares quanto os conteúdos disciplinares são embebidos em lógica sexista, misógina, homofóbica, patriarcal e machista que reforça o preconceito de gênero e legitima a desigualdade de gênero, conseqüentemente, a violência de gênero.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera violência de gênero como um problema de saúde pública, além de violação dos direitos humanos das mulheres. Pesquisas realizadas com dados originários de crimes, como o Atlas de Violência (IPEA, 2025) publicado anualmente, alertam que a violência de gênero se espalha por todo mundo, analogamente a uma epidemia.

Sobre violência de gênero, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ, 2019) considera que existem diversas maneiras de manifestação, essas foram adaptadas e compiladas no Quadro 1, a seguir, que também constitui o material do curso proposto nesta pesquisa:

Quadro 1: Formas de Violência

Violência Física	É a ação ou a omissão que coloca em risco ou causa dano à integridade física de uma pessoa.
Violência Moral	É a ação de caluniar, difamar ou injuriar a honra ou a reputação de uma mulher.
Violência Institucional	É o tipo de violência motivada por desigualdades (de gênero, étnico-raciais, econômicas etc.) predominantes em diferentes sociedades. Essas desigualdades se formalizam e institucionalizam nas diferentes organizações privadas e aparelhos estatais, como também nos diferentes grupos que constituem essas sociedades.
Violência Familiar	É o tipo de violência que acontece dentro da família, ou seja, nas relações entre os membros da comunidade familiar, formada por vínculos de parentesco natural (pai, mãe, filha etc.) ou civil (marido, sogra, padrasto ou outros), por afinidade (por exemplo, o primo ou tio do marido) ou afetividade (amigo ou amiga que more na mesma casa).
Violência Patrimonial	É o ato que implica em dano, perda, subtração, destruição ou retenção de objetos, documentos pessoais, bens e valores.
Violência Psicológica	É a ação ou a omissão destinada a degradar ou controlar as ações, comportamentos, crenças e decisões de outra pessoa por meio de intimidação, manipulação, ameaça direta ou indireta, humilhação, isolamento ou qualquer outra conduta que implique prejuízo à saúde psicológica, à autodeterminação ou ao desenvolvimento pessoal.

Violência Sexual	É a ação de obrigar uma pessoa a manter contato sexual, físico ou verbal, ou a participar de outras relações sexuais com uso da força, intimidação, coerção, chantagem, suborno, manipulação, ameaça ou qualquer outro mecanismo que anule ou limite a vontade pessoal. Considera-se como violência sexual também o fato de o agressor obrigar a vítima a realizar alguns desses atos com terceiros. Consta ainda do Código Penal Brasileiro que a violência sexual pode ser caracterizada de forma física, psicológica ou com ameaça, compreendendo o estupro, a tentativa de estupro, o atentado violento ao pudor e o ato obsceno.
Violência de Gênero	É a violência sofrida pelo fato de se ser mulher, sem distinção de raça, classe social, religião, idade ou qualquer outra condição, produto de um sistema social que subordina o sexo feminino.
Violência contra a Mulher	É qualquer conduta – ação ou omissão – de discriminação, agressão ou coerção, ocasionada pelo simples fato de a vítima ser mulher e que cause dano, morte, constrangimento, limitação, sofrimento físico, sexual, moral, psicológico, social, político ou econômico ou perda patrimonial. Essa violência pode acontecer tanto em espaços públicos como privados.
Violência Doméstica	É quando o ato de violência ocorre em casa, no ambiente doméstico, ou em uma relação de familiaridade, afetividade ou coabitação.

Fonte: Adaptado de CNJ, 2019.

Método do Estudo

O trabalho foi desenvolvido de acordo com os princípios da Pesquisação. Os dois principais autores deste método são Thiollent (2022) e Tripp (2005), e ambos explicam que se trata de uma pesquisa social com base empírica, concebida e desenvolvida associada a uma ação ou a resolução de um problema coletivo, no qual o pesquisador está envolvido.

Para Thiollent (2022), pesquisação é um tipo de pesquisa orientada para resolução de um problema social e é desenvolvida cooperativamente entre pesquisador e participantes, sendo esses os envolvidos na situação problema. Assim, a pesquisação tem como matéria-prima a

descrição de situações ou problemas sociais a partir de observação ou ações no contexto onde ocorrem, não desprezando a base teórica (Tripp, 2005; Thiollent, 2022).

Neste sentido, Lewin (1978) destaca que a pesquisa atua indissociadamente no estudo da sociedade e na análise de uma situação específica. Sendo que a análise da situação problema é determinada por um diagnóstico realizado com técnicas científicas. E as informações extraídas da referida análise dirigem a construção da solução do problema, resultando em uma ação planejada e conduzida pelo grupo.

Dessa forma, como resultado, o método amplia a consciência acerca da situação explorada (Thiollent, 2022). Quanto à natureza das informações obtidas, essas são qualitativas e de caráter descritivo. Acerca da confiabilidade das informações e do anonimato dos participantes, Tripp (2005) esclarece que a pesquisa não pode oferecer as garantias de outros métodos de pesquisa.

Acerca da pesquisa desenvolvida neste trabalho, o problema social observado foi violência de gênero em crianças e adolescentes. O contexto/meio onde a pesquisa foi realizada foi um evento aberto, denominado Ruas de Lazer, ocorrido no município de Pelotas, no estado do Rio Grande do Sul (RS). O público do evento era a população de Pelotas (336 mil habitantes, conforme a Prefeitura do Município) e região. A pesquisa se realizou com a interação entre crianças e adolescentes que compareceram ao evento e voluntariamente aceitaram jogar.

Resultados e Discussões – A Cocoriação do Jogo

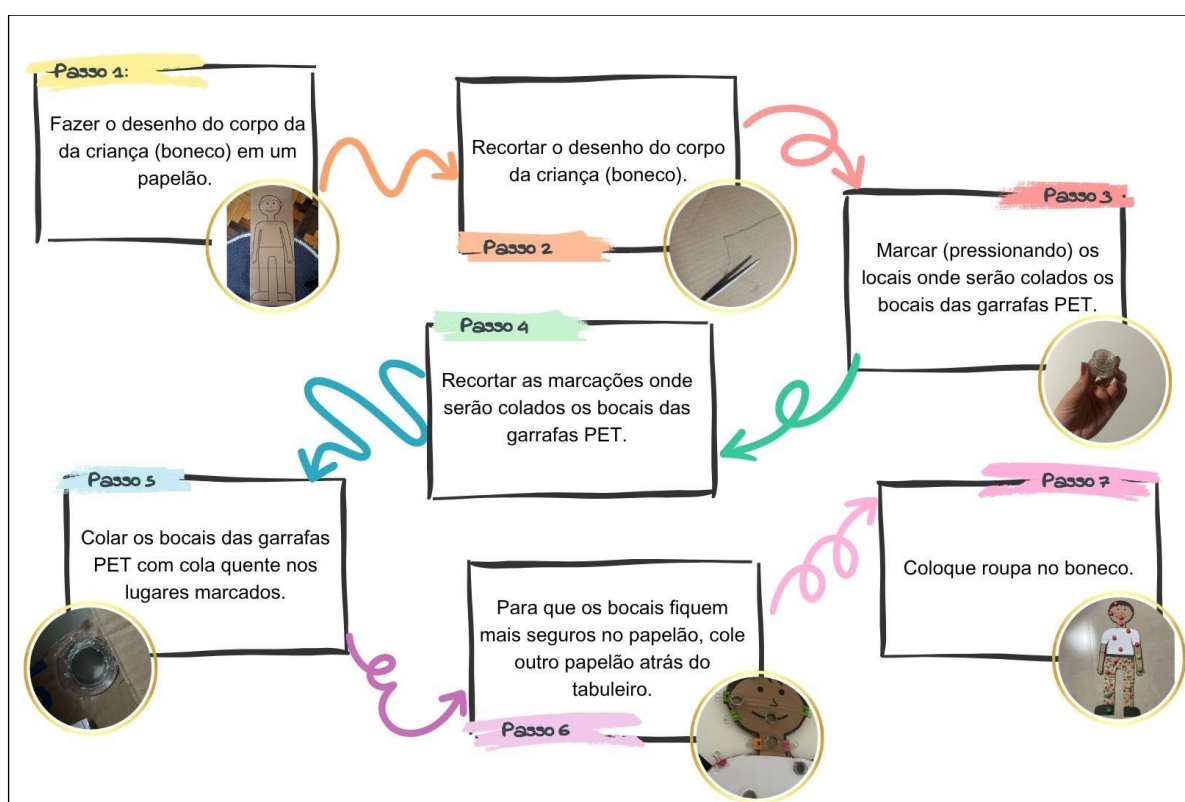
O jogo aqui explorado pelas pesquisadoras extensionistas e coautoras deste trabalho foi um boneco coconstruído com material reciclável, mais especificamente com 1 metro de papelão e 13 garrafas de Polietileno Tereftalato (PET), das quais utilizou-se apenas os bocais. Para além dos materiais elencados, também foi necessário: cola quente, cola para papel, material para decorar, 30 tampinhas, sendo 10 da cor vermelha, 10 da cor verde e 10 da cor amarela.

O jogo se dá sobre um pedaço de papelão em que o corpo de uma criança foi desenhado e recortado, para facilitar a explicação, este “corpo” foi chamado de tabuleiro.

No pedaço de papelão, que representava o corpo da criança, foram marcados e colados bocais de garrafas PET em 13 lugares. Os bocais das garrafas foram colados com cola quente. Os locais escolhidos para colar os bocais foram: testa, orelha, boca, pescoço, ombro, peito, barriga, região genital, coxa, panturrilha, pé, antebraço, mão. Depois dos bocais colados, foi colado mais um papelão na parte de trás para dar maior segurança. Por fim, foi decorado o tabuleiro, ou seja, foi colocada uma roupa no boneco.

A seguir, o infográfico apresentado na Figura 2 mostra como foi coconstruído o jogo.

Figura 2 – Infográfico que apresenta como o jogo foi coconstruído



Fonte: Dados da pesquisa.

O boneco recebeu o nome de MaisE. O nome teve origem no nome Projeto unificado com ênfase em extensão Mais Juntas, da UFPel. Além disso, MaisE, devido o “e” no final, pode ser considerada um palavra de linguagem neutra (e inclusiva) e representa, para os jogadores,

que o toque merece o mesmo cuidado e atenção para crianças, independente do gênero, e também que a luta pela educação sexual é coletiva e de responsabilidade de todos.

Depois de cocriado, o jogo foi levado a um evento municipal ocorrido em Pelotas/RS. Quanto ao ambiente ser fora da escola, vale ressaltar a importância de um evento de rua, em que a formação educativa é realizada por meio da participação em movimentos e/ou ações sociais (Almeida, 2018; Almeida, 2018)), ainda que não totalmente libertos de mecanismos patriarcais (Castañeda Salgado, 2008).

O ato de jogar

Sobre o público eleito para a pesquisa, isto é, crianças (em sua maioria), esse público se justifica pelos dados apresentados no Atlas da Violência do ano de 2025 (IPEA, 2025). O documento mostrou que 24,4% das vítimas são crianças e adolescentes com idade até 14 anos. E o grupo etário de 0 a 9 anos de idade foi o grupo mais vulnerável, representando 15,2% do total de vítimas.

Para crianças e adolescentes que compareceram ao evento e que voluntariamente mostraram interesse pelo jogo, foram oferecidas tampinhas em três cores diferentes para que fizessem a prensão das tampinhas nos bocais colados no boneco. As cores das tampinhas eram verde, amarelo e vermelho. Ao oferecer as tampinhas e a oportunidade de brincadeira foi explicado a cada jogador que onde a tampinha verde fosse prensada, era um lugar considerado seguro para o toque de um adulto no corpo da criança (representada pelo boneco). Onde a tampa amarela fosse colocada era considerado um sinal de alerta e onde a tampa vermelha fosse presa era um lugar do corpo que não deveria ser tocado por um adulto. A Figura 3 mostra o jogo de tabuleiro sendo usado pelos jogadores.

Figura 3 - Jogo de tabuleiro sendo usado pelos jogadores



Fonte: Arquivo pessoal.

Além disso, durante e também depois da brincadeira, eram feitas orientações à criança ou ao adolescente – jogadores. Sempre alertando que mesmo onde a tampinha da cor verde fosse apreensada dependendo de como era o toque do adulto poderia ser motivo de atenção.

Acerca da utilização dos jogos para abordar os temas gênero, corpo e violência de gênero, vale destacar que, Silva e Pordeus (2021), sinalizam que os jogadores devem construir

seus próprios conhecimentos de maneira lúdica como suporte às habilidades sociais. No caso do projeto de extensão MaisE, também foram potencializadas as habilidades motoras.

Acerca da ação de apreensão da tampa nos bocais das garrafas PET, destaca-se a importância que o jogo teve ao promover estímulos sensório-motores para as crianças, a fim de que sua motricidade fina (movimentos mais delicados e que necessitam de grande precisão para serem realizados, como segurar um lápis com a força correta e fechar uma garrafa) (Kolyniak Filho, 2010) fosse desenvolvida. Acerca interrelação entre a da faixa etária e as implicações na motricidade fina, destaca-se que durante a infância e juventude a neuroplasticidade é ainda maior, ou seja, a capacidade de aprender novas habilidades e coordenar de maneira melhor os movimentos realizados (Voss *et al.*, 2017). Quanto à atividade de apreensão da tampa no bocal da garrafa, espera-se que a criança seja capaz de realizar essa atividade a partir dos 4 anos de idade (SBP, 2024).

Torna importante destacar o interesse do público no MaisE, tendo em vista que, para além das crianças e dos adolescentes, também, alguns adultos – em geral pais com seus filhos – demonstravam interesse e pediam aos filhos que brincassem. Na maioria das vezes, durante os jogos, os pais reforçavam as orientações que já tinham sido oferecidas. Alguns professores e profissionais de educação se interessaram pelo jogo e pediram para tirar fotos, afirmando que fariam em suas escolas. Vale ressaltar que, durante o evento extensionista, muitos contatos foram trocados para futuras parcerias.

Por fim, pela participação, todos ganhavam uma bala e um QR Code que levava a um documento com Orientações para o Enfrentamento a Violências de Gênero. A Cartilha pode ser encontrada no link:

<https://Drive.Google.Com/File/D/1gm25rv4wxcjpodwuw8ljfpmyh3tdgclp/View?Usp=Sharin>
g

Conclusão

Esta pesquisa cumpriu com o objetivo de apresentar uma maneira lúdica de abordar o tema violência de gênero com crianças e adolescentes utilizando como mecanismo o jogo educativo sobre gênero semáforo do corpo. Cocriado e apresentado à população em um evento

extensionista no município de Pelotas/RS, foi possível perceber que a maioria das crianças possui orientações a respeito do tema gênero e sexualidade, advindas principalmente do ambiente familiar. Os pais e/ou cuidadores que, na maioria das vezes, estavam presentes durante o jogo, mostraram-se preocupados com o tema e se envolviam no jogo, muitos elogiaram a iniciativa do Projeto de construir um jogo.

Ademais, constatou-se que as meninas possuíam mais precaução quanto à escolha da cor da tampa, sendo predominante a utilização das cores amarelo e vermelho, e que elas também eram as mais interessadas em participar do jogo (e dialogar sobre). Outro fator que merece destaque, é o interesse de adultos em conhecerem o boneco, além de incentivarem as crianças que estavam com eles a jogar, no caso dos que estavam acompanhados, ou eles mesmos jogarem, apesar de não ser o público-alvo do jogo, expondo a relevância do tema na sociedade.

Como sugestões para pesquisas futuras, ressalta-se a necessidade de desenvolvimento de mais jogos sobre a violência de gênero, de modo que este problema social e de saúde pública que se alastra pelo mundo como uma epidemia seja enfrentado de maneira participativa. Quanto ao desenvolvimento da ação extensionista, este projeto será levado para as escolas e trabalhado junto aos educandos. Também planeja-se oferecer oficinas para construção do referido jogo, assim como de outros jogos, junto aos profissionais de educação.

Referências

ALMEIDA, P. R. de. Contribuições do pensamento feminista latino-americano de Marcela Lagarde para a educação não sexista. 2018. 255 f. Dissertação (Mestrado em Educação Contemporânea) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos do Estado**: nota sobre aparelhos ideológicos do Estado. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

CANTARIN, M. M.; ANDREATO, C. A. A experiência estética na redução da violência baseada em gênero relacionada à escola. **EntreLetras**, v. 14, n. 2, maio/ago. 2023.

DOI: <https://doi.org/10.20873/uft2179-3948.2023v14n2p175-190>

CARVALHO, A. O. P.; RIBEIRO, A. P. M. The policy of evaluation of teaching performance in the Brazilian context: a case study of the evaluation of teacher performance in the county of Horizonte/CE. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 4, p. 1-32, 2020.

CASTAÑEDA SALGADO, M. P. **Metodología de la investigación feminista**. Guatemala: Fundación Guatemala, 2008.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA (CNJ). **Relatório**: o Poder Judiciário no enfrentamento à violência doméstica e familiar contra as mulheres. Brasília, DF: CNJ, 2019.

CORSO VON EYE, C.; JUNQUEIRA, H. Formação de masculinidades: análise das relações presentes em uma turma de escola pública. **Diversidade e Educação**, v. 8, n. 1, p. 311-338, 2020.

DALLAPICULA, C. **Violência de gênero na docência**: moral, hierarquia e poder na universidade pública. 2023. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2023.

GODINHO, C. C. A violência no ambiente universitário. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 31, n. 4, p. 1-10, 21 dez. 2018.

GUERRA, A. Violência doméstica e suas implicações: um estudo sobre crianças expostas a conflitos conjugais e o papel da escola. **CEUB**, v. 3, n. 1, 2º sem. 2023.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Atlas da violência 2025**. Rio de Janeiro; Brasília: IPEA, 2025.

KAUFFMAN, L.; LUZ, F. A. Sexualidade na sala de aula: visão de alunos do ensino fundamental no município de Dom Pedrito - RS. **Diversidade e Educação**, v. 8, n. 1, p. 238-258, jan./jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.14295/de.v8i1.11186>

KOLYNIK FILHO, C. Motricidade e aprendizagem: algumas implicações para a educação escolar. **Construção Psicopedagógica**, São Paulo, v. 18, n.17, p. 53-66, 2010. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542010000200005
Acesso em: 10 abr. 2025.

LEWIN, K. **Teoria de campo em ciência social**. São Paulo: Pioneira, 1978.

LOURO, G. **Currículo, gênero e sexualidade**. Porto: Porto Editora, 2014.

MONTAÑEZ, N. V. P. La encrucijada de la virtualidad en la educación superior frente al problema multidimensional de las violencias basadas en género. **Revista Iusta**, Filipinas, n. 55, 2021. <https://doi.org/10.15332/25005286.6856>

OLIVEIRA, K. L. de. **Marias também têm força**: a emergência do discurso de enfrentamento à violência contra a mulher na rede pública de ensino de Caruaru. 2016. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

PEREIRA JÚNIOR, M. V. de P.; TEIXEIRA, F.; RODRIGUES, A. A. V. Gênero e sexualidade em escolas: revisão integrativa de instrumentos de coleta de dados em investigações. **Educação: Teoria e Prática**, [S. l.], v. 33, n. 66, p. e21[2023], 2023. DOI: 10.18675/1981-8106.v33.n.66.s17347.

SAFFIOTI, H. **Gênero patriarcado violência**. São Paulo: Expressão Popular, 1978.

SANADA, E. dos R.; NASCIMENTO, M. S.; MARTIN, Z. C. Neoconservadorismo e questões de gênero: escola e corpo como territórios de disputas e resistências. **Colóquio Humanarum**, v. 21, p. 1-20, jan./dez. 2024. DOI: [10.5747/ch.2024.v20.h607](https://doi.org/10.5747/ch.2024.v20.h607)

SILVA JÚNIOR, E. A. **Microagressões raciais no ensino superior no âmbito das ciências exatas**. 2023. 14 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, 2023.

SILVA, V. R. da; PORDEUS, M. P. Jogos, o lúdico e a importância do brincar no processo de aprendizagem na educação infantil. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [s.l.], v. 7, n. 7, p. 808-819, jul. 2021. <http://dx.doi.org/10.51891/rease.v7i7.1722>.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA (SBP). **Cartilha de Desenvolvimento – 2 meses a 5 anos**. [S. l.]: Sociedade Brasileira de Pediatria, 2024.

TASSINARI, T. T. Violência de gênero em mulheres estudantes universitárias: evidências sobre a prevalência e sobre os fatores associados. **Acta Colombiana de Psicologia**, Bogotá, v. 25, n. 1, p. 105-120, 2022. <https://doi.org/10.14718/acp.2022.25.1.8>

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2022.

TRIPP, D. **Pesquisa-ação**: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

VOSS, P. *et al.* Dynamic brains and the changing rules of neuroplasticity: implications for learning and recovery. **Frontiers in Psychology**, v. 8, 2017. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.01657>

Recebido: 07.05.2025

Aceito: 25.06.2025

Publicado: 02.10.2025



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)